A cartografia amazônica durante o século XVII

Jaime Cortesão

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/6994>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.6994

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrônica

Jaime Cortesão, «A cartografia amazônica durante o século XVII», *Terra Brasilis* [Online], 14 | 2020, posto online no dia 31 dezembro 2020, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/6994> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.6994>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

A cartografia amazônica durante o século XVII

Jaime Cortesão

NOTA DO EDITOR

Poucos textos podem ser considerados tão clássicos com respeito à história da cartografia amazônica como o fragmento intitulado “A Cartografia Amazônica durante o século XVII” do primeiro tomo da *História do Brasil nos velhos mapas* de Jaime Cortesão (Rio de Janeiro, Instituto Rio Banco, 1965 [1957], pp. 412-420). A *Terra Brasilis* oferece a seus leitores dito fragmento, acompanhado dos mapas mencionados por Cortesão, localizados em diferentes mapotecas digitais — principalmente na Biblioteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Localização das imagens, legendas e notas por David Ramírez Palacios.

- 1 Os principais monumentos da cartografia amazônica durante o século de Seiscentos são os seguintes:

I

- 2 Carta da América meridional, traçada em 1618, em Lima, pelo cosmógrafo-mor do Peru, Lucas de Quirós, filho do grande descobridor português Pedro Fernandes de Queiroz, que durante muitos anos esteve ao serviço de Espanha como piloto ou comandante de várias expedições marítimas no Pacífico. Esta carta é notável como protótipo das cartas espanholas, que representavam um dos afluentes do Amazonas nascendo na região andina, não longe de Potosí (Figura 1).

Figura 1. *Description Corographica de las provincias del Piru Chile nuevo Reyno i tierra firme*, Lucas de Quirós, cosmógrafo Mor. del Mar del Sur (1618)

Acompanha a *Noticia general de las provincias del Pirú, Tierra Firme y Chile* de Francisco López de Caravantes

Fonte: Real Biblioteca do Palácio Real de Madri. Disponível em: <https://www.realbiblioteca.es/es/node/286#&gid=1&pid=6>

- 3 Este rio, que na carta, ao que parece, tem o nome de “Meotis”, nasce nos Andes cerca da cidade de La Plata (Chuquisaca) e ao descer passa entre as duas povoações de Santa Cruz, La Vieja, e La Nueva, descrevendo a curva característica do Rio Grande ou Guapaí, afluente do Mamoré, tributário, por sua vez, do Madeira. Da totalidade do trajeto do rio Meotis se conclui que os espanhóis conheciam o alto curso do Madeira, mas ignoravam inteiramente a parte restante, pois em vez de tomar desde a foz do Mamoré, o rumo franco do nordeste, torce neste mapa para nor-nordeste, de tal sorte que vai desaguar cerca dos Andes, assim como o rio “Abeni” (Beni) que lhe corre paralelo. A diferença de longitude entre as duas fozes, a verdadeira e a falsa, anda por cerca de oito graus.
- 4 Para se ter uma ideia do descaso a que os espanhóis votaram a exploração dos sertões centrais do continente, cuja posse lhes cabia pela demarcação de Tordesilhas e veio definitivamente a pertencer com o Tratado de Madri (1750), bastará dizer-se que no Mapa das Côrtes traçado em Madri, no ano de 1749, eles continuavam a desenhar o Beni, fundido com o Purus, como se fora afluente do Amazonas e não tributário do Madeira.
- 5 Aliás o mapa de Lucas de Quirós é uma prova bastante eloquente da mediocridade dos conhecimentos geográficos e das capacidades cartográficas do autor.¹

II

- 6 Carta do delta amazônico, com o nome de *Descrição dos rios Pará, Curupá e Amazonas descoberto e sondado por mandado de S. Magde, por Antº Vicente patrão de Pernâbuco*, cujo

protótipo deve remontar a 1623, data da expedição de Luís Aranha de Vasconcelos, da qual Antônio Vicente Cochado foi o piloto-mor (Figuras 2 e 3).²

Figura 2. *Discripção dos Rios Para, Curupa e Amazonas. Discuberto e sondado por mandado de Sua Magestade por Antonio Vicente Patrão de Pernambuco – Parte segunda* (c. 1623)

Fonte: Biblioteca Digital – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=1406

Figura 3. *Discripção dos rios Para, Curupa e Mazonas, Discuberto e sondado por mandado de Sua Mag.^e por Ant.^o Vicente, Patrão de Pernambuco – Parte primeira* (c. 1623)

Um comentário deste mapa, elaborado no âmbito da Biblioteca Nacional, pode ser encontrado em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-virtual-da-cartografia-historica-do-seculo-xvi-ao-xviii/artigos/descricao-dos-rios-para-curupa-e-amazonas/>

- 7 Fonte: Biblioteca Digital – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=1406
- 8 As quatro folhas de que se compunha primitivamente esta carta foram, poucos anos volvidos, reunidas numa só, e acrescidas de nomenclatura e legendas históricas, como se pode ver da carta com o mesmo título, que figura no final do Atlas de João Teixeira Albernaz de 1631, a qual fornece valioso testemunho para a localização dos efêmeros baluartes fundados por ingleses e holandeses às margens do delta e dos assaltos com que os portugueses acabaram por expeli-los (Figura 4).

Figura 4. Descrição dos rios Pará, Curupa e Amazonas. Descuberto e sondado por mandado de Sua Ma.^{gde} Por Ant.^o Vicente, patrão de Pernão buco, João Teixeira (1630)

Forma parte das *Taboas geraes de toda a navegação*. Divididas e emendadas por Domieroni Mo de Attayde com todos os portos principaes das conquistas de Portugal. Delineados por João Teixeira, Cosmógrafo de Sua Magestade (1630).

Fonte: Library of Congress Geography and Map Division. Disponível em: <https://www.loc.gov/resource/g3200m.gct00052/?sp=23>

III

- 9 Carta representando o delta amazônico, segundo um protótipo anterior à carta de Antonio Vicente, mas que perdurou durante todo o séc. XVII. É a terceira duma série de três *Taboas do Maranhão*, primeira tentativa da representação cartográfica deste estado, e, por consequência, traçada pouco depois de 1625.³ Não tem designação de autor, nem ousamos identificá-lo (Figura 5).

Figura 5. *Maranhão Taboa Terceira* (c. 1629)

Na Biblioteca Nacional o mapa é catalogado sob o título *Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará* e atribuído a João Teixeira Albemaz I com data próxima a 1629.

Fonte: Biblioteca Digital – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=1388

- 10 Numa das cartas vem traçado o caminho aberto por Pedro Teixeira entre Belém e S. Luís do Maranhão [na Taboa Segunda (N. do E.)]. Pormenor de interesse: entre a Ilha de Marajó, a que mais propriamente deveremos chamar arquipélago, pois aparece aqui muito fragmentada, e a parte do continente que lhe fica imediatamente a oeste, abre-se uma larga enseada, – o *Lago Dorado* e por baixo a seguinte legenda: “No meyo perdesse a terra de vista”. Desmentida a existência de qualquer formação lacustre unindo o Tocantins ao Paraná ou ao Paraguai, o *Lago Dorado* acabava por ser transferido para a própria foz do Amazonas.
- 11 Porventura, de maior interesse para a história da cartografia amazônica, é a forma particular que toma o rio ao desembocar no *Lago Dorado*. Léon Pinelo, ao descrever o Amazonas na obra a que já nos referimos “El paraíso en el Nuevo Mundo”, informava: “[...] algunos años despues (1616) fué a reconocerlo por orden de S. M. Antônio Vicente Cochado. Piloto Mayor de Pernambuco y halló que asi la voca del Pará como las demas que al occidente della salen hasta el cabo del Norte, son todas de solo uno rio [...]”.
- 12 E, com efeito, nesta carta, o rio desemboca no *Lago Dorado* pelo *rio das Amazonas* e o *Grande Pará*. Ao contrário, na carta de Cochado o rio termina a ocidente da ilha de Marajó por uma só boca. Esta foi, pois, a maior inovação introduzida pelo patrão de Pernambuco, que eliminou também da sua carta o *Lago Dorado*.

IV

- 13 Mapa geral do mundo de João Teixeira, traçado cerca de 1630 e onde, pela primeira vez, segundo cremos, figura a comunicação entre o Amazonas e o Orinoco, assim como um rio, assimilável pela sua posição ao Madeira, que se aproxima nas cabeceiras das nascentes do Paraguai. Identificamos esta carta como sendo de João Teixeira, em 1944. Pertence a um conjunto de cartas que fizeram parte dum Atlas iluminado, o mais perfeito e interessante de todos os atlas dos Teixeiras (Figura 6).⁴

Figura 6. O Amazonas no mapa geral do mundo do *Atlas Universal* de João Teixeira (c. 1632)

Fonte: Biblioteca Digital – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: http://acervo.bn.digital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=1246

V

- 14 O mapa de todo o Amazonas, mandado fazer pelo governador Jácome Raimundo de Noronha, a que já nos referimos, e que foi desenhado com os informes ministrados em 1637 pela expedição em que tomaram parte o português Francisco Fernandes, como seu animador, e os dois leigos franciscanos, espanhóis, André de Toledo e Domingos de Brieva. Neste mapa, que não honra muito o autor, figura o Tocantins, traçado até à sua bifurcação com o Araguaia, embora por forma bastante imperfeita (Figura 7).

Figura 7. Mapa do rio Amazonas, desde Quito até a foz (1637)

Tomado do livro *Pedro Teixeira, a Amazônia e o Tratado de Madri*, organizado por Sérgio Eduardo Moreira Lima e Maria do Carmo Strozzi Coutinho (Brasília: FUNAG, 2016), Prancha 5, p. 495. Segundo os organizadores, o mapa encontra-se na Mapoteca do Itamaraty. Também segundo eles o Projeto Resgate identificou esse mapa no Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, como de autoria de Bento da Costa e Pedro Teixeira. Segundo se adverte no pé do mapa, trata-se de uma "Cópia fac-símile da carta anexa ao documento do Governador Geral do Maranhão – Jacome Raymundo de Noronha – 1637", feita no Arquivo Histórico Colonial, também em Lisboa, em 1935. Consta no catálogo de Isa Adonias como: "[Mapa do rio Amazonas, desde Quito até a foz. 1637] Rio de Janeiro, Gabinete Fotocartográfico do Ministério da Guerra" (Adonias, Isa. *A cartografia da região amazônica*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1963, p. 468). Ao mapa acompanha uma extensa nota descritiva, transcrita pelo copista português e também por Isa Adonias, que, dado seu interesse, reproduzimos aqui: "Este rio, cuja figura aqui vai, começa pelas terras do Peru, junto da cidade de Quito, aonde se chama São Francisco de Quito e corre até entrar no mar, na província do Governo do Maranhão, na Capitania do Pará, aonde tem por nome Rio das Amazonas. Tem de comprimento — linha direita — 450 léguas e pelas voltas que faz, devem ter de caminho perto de 800 léguas. E indo por ele acima, pondo-se em altura de sete graus de banda do sul, ficarão norte-sul com o Serro de Potosí. E caminhando ao sul, por terra, 150 léguas, estarão no dito Serro de Potosí. E indo mais pelo rio arribado como cousa de 330 léguas, pondo-se em altura de cinco graus, ficarão norte-sul com a cidade de Cusco, que está distante do dito rio, caminhando por terra ao sul, 75 léguas; e indo pelo mesmo sul 130 léguas, se dará com a cidade de Lima; e a cidade de Quito fica na cabeceira do rio debaixo da linha. E o dito rio corre da banda do sul da linha, sempre do Este; e as léguas que contamos pelo dito rio arriba, se entende sempre linha direita, porque as que tem pelas voltas que dá se poderão julgar, conforme ao caminho que forem fazendo, por dias e horas que gastarem na dita viagem. Feito em São Luiz do Maranhão e de maio 22 de 1637 anos."

Fonte: Lima e Coutinho (2016) – Biblioteca Digital da Fundação Alexandre de Gusmão. Disponível em: http://funag.gov.br/biblioteca/download/PEDRO-TEIXEIRA_EDICAO-COMPLETA_17_11_V_9_web.pdf

VI

- 15 A carta de toda a bacia amazônica, traçada por Bento da Costa, piloto da expedição de Pedro Teixeira, que subiu o rio e o baixou entre 1637 e 1639. Carta sumária, representa a bacia amazônica, vista da foz sob forma de perspectiva. Malgrado as novidades de nomenclatura, a indicação dalgumas distâncias intermédias e de sondagens, o mapa não corresponde, quer às exatas informações sobre o curso dos grandes afluentes amazônicos, colhidas durante a viagem da boca dos indígenas, quer às observações matemáticas feitas pelo piloto e outros membros da expedição (Figura 8).

Figura 8. Carta da bacia amazônica traçada por Bento da Costa (c. 1638)

Este mapa acompanha um manuscrito intitulado *Descubrimiento del río de las Amazonas y sus dilatadas provincias*, datado em 1639 e resguardado pela Biblioteca Nacional da Espanha (disponível na Biblioteca Digital Hispânica: <<http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000053845>>). O texto e o mapa foram publicados em 1889 pelo historiador Marcos Jiménez de la Espada sob o título *Viaje del capitán Pedro Texeira aguas arriba del río de las Amazonas, (1638-1639)* [Madrid, Imprenta de Fortanet], quem atribui o texto ao padre jesuíta Alonso de Rojas e o mapa ao piloto português Bento da Costa (grafado “Benito de Acosta”). A versão do mapa conhecida por Cortesão e registrada no citado catálogo de Isa Adonias (p. 468) – que é, aliás, a versão mais reproduzida do mesmo –, é uma cópia encomendada por Jiménez de la Espada para o livro citado e para o Boletim da Sociedade Geográfica de Madri. No catálogo da Biblioteca Nacional da Espanha, tanto o manuscrito quanto o mapa são erroneamente atribuídos a Martín de Saavedra y Guzmán. Confirma neste mesmo número da *Terra Brasilis* o trecho do estudo introdutório de Jimenez de la Espada ao *Viaje del capitán Pedro Texeira*, em que se refere à cartografia amazônica da época.

Fonte: Biblioteca Digital Hispânica – Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em: <http://bdh.bne.es/bnearch/detalle/bdh0000199147>

VII

- 16 Devemos incluir nesta série, embora se não trate estritamente de cartografia amazônica, a carta geral do atlas do Brasil de João Teixeira de 1642 (Figura 9).⁵ Neste mapa os cursos dos rios Tocantins e Paraguai aparecem separados e distanciados um do outro com relativa correção. Pela primeira vez a ilha do Bananal está figurada com certa exatidão sobre o Araguaia. Dos afluentes do Amazonas é o Xingu que entra em mais próximas conexões com o Paraguai, fazendo da “Província de Sta. Cruz a que vulgarmente chamão Brasil”, segundo os dizeres do mapa, uma grande península de pequeno istmo.
- 17 Abrangendo, na sua quase totalidade os vales do Prata e do Xingu, figura no mapa a “Linha da demarcação das Conquistas de Castela e Portugal”, traçada entre dois

“marcos antigos”, colocados, um ao norte sobre o rio Pinzon, e o outro sobre a baía de S. Matias, por 40º de latitude sul.

Figura 9. *Provincia de Santa Cruz aque vulgarmente chamão Brasil*, João Teixeira (1642)

Consta no já citado catálogo de Isa Adonias (p. 198). Segundo ela, “A condizer com a arrumação da costa, muito deslocada para oeste, o meridiano de Tordesilhas, traçado a vermelho e com o título de ‘Linha da demarcassão das Comquistas de Castela e Portvgal’, passa por aqueles extremos assinalados por marcos (*Marco antigo*). Desse modo, o vale do Prata, na sua quase totalidade, ficava dentro da soberania portuguesa. Essa era a forma típica pela qual os cartógrafos Teixeiras representavam o Brasil, antes e depois de 1640. Este mapa e outros similares tem um evidente caráter de reivindicação territorial.” *Ibid.* Segundo o atlas do Barão do Rio Branco, de onde tomamos esta imagem: “Adjunto ao Atlas [de João Teixeira] encontra-se uma crítica do Cosmógrafo Real Manoel Pimentel, morto em 1719. Ele declara que neste Atlas e em todos os mapas por ele vistos deste primeiro dos J. Teixeira, quase todas as posições, as distâncias e as direções da costa, são falsas” (tradução nossa). O original da Biblioteca da Ajuda não se encontra digitalizado.

Fonte: [Barão do Rio Branco]. *Frontières entre le Brésil et la Guyane française. Atlas contenant un choix de cartes antérieures au traité conclu à Utrecht le 11 avril 1713 entre le Portugal et la France. Annexe au Mémoire présenté par les États Unis du Brésil au gouvernement de la Confédération Suisse, arbitre choisi selon les stipulations du traité conclu à Rio de Janeiro, le 10 avril 1897, entre le Brésil et la France.* Paris, A. Lahure, 1900. Mapa 67. Disponível em Manioc : bibliothèque numérique Caraïbe, Amazonie, plateau des Guyanes: <http://www.manioc.org/patrimoin/HASH0155dee189cd5f8d3bb8d7da>

VIII

- 18 A carta da bacia amazônica, traçada e impressa pelo Conde de Pagan com o título de “Magni Amazoni fluvii in Amaerica meridionali, nova delineatio, 1655” (Figura 10).⁶
- 19 Supomos ser esta a mais notável de todas as cartas, não apenas do Amazonas, mas do conjunto da bacia amazônica, traçadas durante o século XVII. Grande geógrafo e matemático, o Conde da Pagan utilizou a fundo as relações da viagem de Pedro Teixeira para traçar a sua carta. A obra obedece principalmente ao propósito de influir no ânimo

do Rei de França para a fundação duma grande colônia francesa sobre o vale do Amazonas. A ela voltaremos a seguir.

Figura 10. *Magni Amazoni fluvii in Aamerica meridionali, nova delineatio*, Conde de Pagan (1655)

Fonte: John Carter Brown Library – Internet Archive. Disponível em: <https://archive.org/details/relationhistoriq00paga/page/n17/mode/2up>

IX

- 20 Mapa do “Grande rio das Amazonas, delineado e feito pelo Pe. Aloísio Conrado Pfeil insigne matemático, para (o rei D. Pedro II) aí ver as terras e rios que tinha, desde o Pará até o marco do cabo do Norte pela costa, sita aquém do rio de Vicente Pinzon, e pelo rio das Amazonas arriba, até onde chega o distrito destas conquistas do Estado do Maranhão”.⁷ O padre Pfeil pertencia às missões jesuíticas e portuguesas do Amazonas.
- 21 Não se conhece o destino desta carta. A sua falta representa lacuna lamentável na série dos mapas que estamos mencionando, pois nos daria o conceito português dos limites da Amazônia, em relação à América espanhola, no ano de 1685. A calcular pela opinião do Pe. João Ferreira, expressa na “América Abreviada”, eles deveriam estender-se até ao Napo. Menciona-se, também, porque deve ter servido de modelo à carta seguinte.

X

- 22 A célebre carta do Pe. Samuel Fritz, traçada em 1691, após a descida do Amazonas por esse missionário jesuíta, até Belém do Pará e o regresso aos Omágua (Figura 11).

Figura 11. Mapa geographica del rio Marañon o Amazonas, hecha por el P. Samuel Fritz, de la Compania de Jesus, missionero en este mesmo rio de Amazonas (1691)

Fonte: Gallica – Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b72002640>

- 23 É mais vulgarmente conhecida pela edição impressa, em 1707, com o título – “El Gran Rio Marañon o Amazonas con la Mission de la Compañia de Jesus Geograficamente delineado por el Pe. Samuel Fritz Missionero continuo en este Rio. P. J. de N. Societatis Iesu quondam in hoc Marañone Missionaris Sculpebat Quito anno 1707” (Figura 12).⁸

Figura 12. Mapa do rio Amazonas do padre Fritz (1707)

Fonte: Biblioteca Digital Hispânica – Biblioteca Nacional da Espanha. Disponível em: <http://bdh.bne.es/bnsearch/detalle/bdh0000252994>

- 24 O Padre Serafim Leite, repetindo e citando João Lúcio de Azevedo, afirma que a cartografia amazônica, digna desse nome, foi fundada pelos jesuítas com o grande mapa do Pe. Fritz.⁹ Nenhum dos dois ilustres historiadores está na razão.

- 25 Não é fácil traçar no tempo e para uma determinada região o limite exato entre a cartografia científica e aquela cujos lineamentos obedecem à pura estimativa. Em boa verdade a cartografia estritamente científica nasce com a observação conjunta das coordenadas dum lugar por métodos astronômicos. E, nessas rigorosas condições, deveríamos datar o início da cartografia amazônica com a carta de La Condamine, de 1743 (Figura 13). Mas, a nosso ver, desde que os portugueses começaram a aplicar às suas cartas as observações das latitudes com o astrolábio e as das longitudes estimadas, mas corrigidas com o resultado daquele cálculo, e a relacionar umas e outras com o Equador e um primeiro meridiano graduados, o que fizeram no primeiro quartel do século XVI, a cartografia científica dá os primeiros, ainda que vacilantes, passos.

Figura 13. *Carte du cours du Maragnon ou de la grande rivière des Amazones*, La Condamine (1745)

Fonte: Biblioteca Digital – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=189

- 26 Em conformidade com este critério supomos que a cartografia científica do Amazonas começa com a carta do Conde de Pagan. Aproveitando-se de todos os dados das expedições de Pedro Teixeira, principalmente a do Pe. Acuña, estabeleceu o primeiro “canevas” de meridianos e paralelos para situar cientificamente o Amazonas. Dentro da sua época, esse notabilíssimo trabalho obedece já a um critério científico escrupulosíssimo e representa para a época um esforço, que honra a escola geográfica francesa.
- 27 Como resultado dum trabalho cartográfico, que aproveitou ao máximo os dados geográficos fornecidos pelos descobridores, a carta do Conde de Pagan contém duas notáveis melhorias sobre o mapa do próprio piloto Bento da Costa.
- 28 Em primeiro lugar o Rio Negro está desenhado desde as suas origens na direção leste-oeste, ao contrário da figuração daquele piloto, mas conforme a realidade e as notícias recebidas da boca dos indígenas pelos expedicionários, na foz do rio.
- 29 Além disso, a carta do Conde de Pagan oferece o excepcional avanço, sobre todas as cartas anteriores, de representar o Madeira nascendo na região de Sta. Cruz de la Sierra. Esta particularidade, tão notável, é omitida quer no mapa de Bento da Costa, quer no do Pe. Samuel Fritz.

- 30 Acrescentemos que a carta do Conde de Pagan oferece ainda sobre as outras duas a vantagem de representar a ligação entre o Rio Negro e o Orinoco, informação de origem indígena, já figurada, como vimos, no mapa de João Teixeira, de c. 1630.
- 31 Como explicar o traçado do Madeira, a partir das suas origens na região de Sta. Cruz de la Sierra?
- 32 A leitura atenta da sua obra leva-nos à conclusão de que o Conde de Pagan utilizou, em primeiro lugar, as informações do Pe. Cristóbal de Acuña, que repete por sua vez as notícias dos indígenas; e, em segundo lugar, informes de origem espanhola, e provavelmente de caráter cartográfico. Ele próprio escreve no capítulo XVIII da sua *Relation*:
- Quanto às fontes do Madeira (...) elas estão situadas, segundo a melhor opinião, na muito rica e opulenta Província da Prata do reino do Peru, a oriente das montanhas dos Andes, a 21^a de lat. sul e 313^a de longitude. Gabam-se os tupinambás de o ter descido em todo o seu curso, como diremos mais adiante; e contam maravilhas da sua grandeza, como doutros rios que de todos os lados o engrossam. Enfim, quando sua navegação for descoberta, os séculos futuros publicarão as grandes riquezas, que ele sem dúvida há de trazer ao comércio do grande Amazonas, desde a montanha do Potosí, a 30 ou 40 léguas apenas da sua fonte.
- 33 E, com efeito, mais adiante conta que
- estes tupinambás habitavam outrora as costas meridionais do Brasil, onde não podendo suportar o rigoroso tratamento dos portugueses, abandonaram voluntariamente a terra natal (...) marcharam, pois, em consequência, na direção do ocidente e sob o mesmo paralelo. Atravessaram a nado os rios do Paraná e do Prata, e deixando à esquerda a província de Tucumã, alojaram-se enfim na região das nascentes do grande rio Madeira. Aí chegados, como um desses tupinambás tivesse matado uma vaca, pertencente a um espanhol da fronteira do Peru, pelo que foi rudemente castigado, resolveram todos os outros abandonar essa nova morada. Embarcaram, pois, todos em canoas, que tinham em grande número, e deixaram-se ir à aventura sobre as águas do Madeira; até que, após muitos meses de navegação se encontraram no grande Amazonas e, a seguir, sobre as margens da ilha dos Tupinambás. (Capítulo XXIX)
- 34 Supomos, repetimos, que para chegar a este traçado do rio Madeira, o Conde de Pagan utilizou os mapas espanhóis do tipo Lucas de Quirós, à luz dos quais interpretou as afirmações indígenas, transmitidas pelo Pe. Cristóbal de Acuña. Poderia, é certo, admitir-se a hipótese de que ele houvesse conhecido os resultados da expedição de Antônio Raposo Tavares, que alguns anos antes baixara o rio Madeira. Mas não só não menciona essa viagem na pormenorizada história que faz de todas as expedições descobridoras que sulcaram o Amazonas e os seus afluentes, mas dado algum, dentre todos os que ele escrupulosamente coligiu, se refere à expedição do grande bandeirante. Assim, e pela primeira vez, aparecia na cartografia amazônica um traçado verdadeiro, ainda que muito sumário, da direção e da situação do Madeira em relação às colônias espanholas e à lagoa dos Xaraiés, independente desta.
- 35 Não obstante, as cartas jesuíticas do Paraguai, como a de 1646-49, figuram o curso superior do Madeira, ou melhor do Mamoré, como pertencente ao Paraguai; e as cartas francesas dos Sanson (Figura 14), e holandesas da mesma época, desconhecem o Madeira e reproduzem os antigos protótipos do Amazonas.

Figura 14. *Le Cours de la rivière des Amazones dressé sur la relation du R.P. Christophe d'Acugna par le Sr Sanson d'Abbeville (1680)*

Fonte: Biblioteca Digital – Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: http://acervo.bndigital.bn.br/sophia/index.asp?codigo_sophia=65

- 36 Quanto à carta de Fritz, segue de perto a arrumação, em longitudes, da carta de Pagan; é-lhe superior apenas na parte das missões espanholas da companhia de Jesus; no restante, desconhece a ligação do Negro com o Orinoco, e, nos poucos pormenores que acrescenta, deve ter aproveitado, em grande parte, os dados portugueses da carta de Pfeil.
- 37 Acrescentemos que um breve, mas muito interessante Atlas do Estado do Maranhão faz parte do Atlas mencionado no número IV. Ele reflete, com o do número anterior, a preocupação de individuar e dar relevo àquele Estado, que acabava de nascer.¹⁰
- 38 Podemos agora relancear no seu conjunto esta série de mapas: do lado da América espanhola, as falsas noções sobre as ligações fluviais entre as vertentes orientais dos Andes e o Amazonas, que vão perdurar, até na própria cartografia dos jesuítas espanhóis, durante cerca de século e meio; ao lado da América portuguesa, uma progressiva e segura evolução dos conhecimentos geográficos, no sentido de transformar e alargar a Ilha a uma vasta Península-Brasil.
- 39 Nas “Taboas” segunda e terceira do Maranhão, (III) cópia dum protótipo arcaico, que deve datar, nas suas origens, de 1622, o Tocantins, aqui denominado, nasce, a pouca distância da foz, na “Provinzia dos Tocantins”, enquanto o Amazonas desemboca no Lago Dorado, por dois braços, um dos quais o Grande Pará, em cuja foz se lê a seguinte inscrição: “Por este Rio baxou o Capitão Arellana em tempo de Carlos 5º, fugindo à justiça no levantamento de Pissarro no Perú”.
- 40 Este falso conceito desaparece no mapa (II) de Vicente Cochado, verdadeira carta hidrográfica da foz e delta amazônico, com o traçado de seus múltiplos canais e a numeração das braças em profundidade. Representa o resultado duma exploração muito conscienciosa, embora o traçado geral da região sofra de grandes erros de orientação, devidos ao desvio geral da agulha. Mas o Tocantins, ainda que denominado, só ganha plena individualidade no mapa de João Teixeira (1630),¹¹ ao passo que noutro mapa do mesmo autor e da mesma época (IV), os grandes afluentes do Amazonas, o Negro e o Madeira, também denominados e mal traçados, assinalam a sua presença e os seus caracteres mais singulares de posição.

Figura 15. *Terra de Santa Cruz aque chamão Brasil*, João Teixeira Albernaz (1640)

Do atlas intitulado *Descripção de todo o Maritimo da terra de Sta. Crus chamado vulgarmente o Brazil*

Fonte: Gallica – Biblioteca Nacional da França. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55007846g/f9.item>

- 41 Mas a grande novidade da cartografia portuguesa por este tempo, é o aparecimento do Tocantins nas suas ligações com o Paraná, o S. Francisco e o Paraguai. Seguramente devemos ligar este fato central na história da formação territorial do Brasil com as expedições de Pero Domingues e a do bandeirante paulista que, cerca de 1622, baixando o Tocantins veio ter a Belém do Pará. Excessivamente deslocado para oeste, o Tocantins-Araguaia, recebe pela sua margem direita afluentes que nascem na “Província de las Charcas”, – falso conceito que ainda domina na carta de Jácome Raimundo (V) e deve explicar em parte as razões da expedição de Pedro Teixeira. Também nesta última carta o Tocantins-Araguaia aparece delineado até grande extensão do seu curso, ainda que sem as conexões fluviais com a bacia do Prata e do S. Francisco. Mas o Brasil ganha realidade orgânica e o corpo mítico ajusta-se pela primeira vez aos delineamentos geográficos.
- 42 Na carta de João Teixeira, de 1642 [VII], o cartógrafo ensaia um novo ajustamento da Ilha-Brasil às realidades geográficas: o istmo da península brasileira está compreendido entre as nascentes do Paraguai e as do Xingu.
- 43 Finalmente, na carta do Conde de Pagan (VIII), aparece o esquema duma nova ampliação da Ilha-Brasil. O corpo do Estado em formação alarga-se desta vez até ao Madeira. Daí por diante e durante largo tempo, a cartografia portuguesa, cartografia dirigida e de Estado, dir-se-ia que fica esperando pelas realizações políticas para lhes dar expressão gráfica.

NOTAS

1. Esta carta, ou melhor, a parte dela que a este trabalho interessa, foi publicada pelo Barão do Rio Branco no Atlas, t. VI, de *Second Mémoire présenté par les Etats-Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse, Arbitre choisi selon les stipulations du Traité conclu à Rio de Janeiro le 10 Avril 1897, entre le Brésil et la France*, Paris, 1899, com o n° 10.
  2. Desta carta na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro um exemplar em quatro folhas coloridas. [Cortesão indica serem quatro folhas, mas o exemplar da BN apresenta apenas duas. (N. do E.)].
  3. Os originais guardam-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
  4. Guarda-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, da qual é um dos mais notáveis cimélios cartográficos.
  5. Este atlas pertence à Biblioteca do palácio da Ajuda de Lisboa; e dele existe cópia na Mapoteca do Itamaraty, mandada executar pelo Barão do Rio Branco, o qual reproduziu também a carta geral, no Atlas da primeira Memória sobre os limites do Brasil com a Guiana francesa, já aqui citado.
  6. Figura apensa à obra do Conde de Pagan – *Relation Historique et Géographique de la Grande Rivière des Amazones dans l'Amérique*, Paris, 1656.
  7. O trecho pertence à “Crônica”, do Pe. Battendorff, cita ela pelo Pe. Serafim Leite, na *História da Companhia de Jesus no Brasil*, t. III, pág. 255.
  8. A edição a que nos estamos referindo foi reproduzida pelo Barão do Rio Branco no Atlas antes cit., com o n° 91; a edição de 1707 foi, por sua vez, reproduzida no seu Atlas da segunda Memória sob o n° 16. [Isto não é exato. Tanto o mapa de 1691 quanto o de 1707 figuram no Atlas da primeira Memória (mapas 86 e 91, respectivamente). No Atlas da segunda Memória figura uma versão francesa de 1717 (mapa 16). Ambos os Atlas encontram-se na Manioc : bibliothèque numérique Caraïbe, Amazonie, plateau des Guyanes: <<http://www.manioc.org/patrimon/HASH0155dee189cd5f8d3bb8d7da>> e <<http://www.manioc.org/patrimon/HASH3663c37e72ed18dc2e779a>>. N. do E.].
  9. Obra ant. cit., t. IV, pág. 283.
  10. Não consta no atlas do numeral IV o breve Atlas do Estado do Maranhão mencionado aqui por Cortesão. Figura, em cambio, um mapa intitulado “Descrição dos rios Pará e Maranhão”. Poderia pensar-se que Cortesão o confundiu com as “Taboas do Maranhão” do numeral III —catalogadas justamente pela BN como *Pequeno atlas do Maranhão e Grão-Pará*—, no entanto, o parágrafo depois do seguinte, em que Cortesão aborda de novo as “Taboas”, parece excluir essa possibilidade. (N. do E.).
  11. Trecho confuso. Talvez Cortesão esteja referindo-se ao mapa de 1640 que apresentamos na Figura 15. (N. do E.).
-

ÍNDICE

Índice geográfico: Amazônia

Índice cronológico: Século XVII